



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

TAMARA MENEZES DE MENEZES

OUVINDO AS OPERÁRIAS:
UMA ANÁLISE SOBRE O TRABALHO FEMININO E A
ATUAÇÃO DAS OPERÁRIAS DA FÁBRICA SÃO BRAZ NA
BAHIA PÓS-GUERRA

SALVADOR, 2017

TAMARA MENEZES DE MENEZES

OUVINDO AS OPERÁRIAS:

**UMA ANÁLISE SOBRE O TRABALHO FEMININO E A
ATUAÇÃO DAS OPERÁRIAS DA FÁBRICA SÃO BRAZ NA
BAHIA PÓS-GUERRA**

Monografia apresentada à
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas - UFBA como requisito
para conclusão do Curso de
Licenciatura em História, realizada
sob orientação do professor Dr^o
Antonio Luigi Negro.

Salvador, 2017

A mainha, vovó Maria e vó Helena meus exemplos de
feminino, chefes de família e cheias de garra.

AGRADECIMENTOS

Chega ao fim um ciclo e muitas pessoas foram importantes nesse longo caminho. Agradeço a meus exemplos de forças e garra, mainha, vovó e vó, mulheres como vocês me inspiram a seguir em frente a lutar e conquistar mais espaços, assim como me incentivam a cada dia descobrir mais sobre a história das mulheres.

Agradeço aos colegas de UFBA que me incentivaram, deram sugestões e interessaram pelo tema, especialmente Núbia, Hevely e Samuel. A cada um dos professores que contribuíram com a oferta do seu conhecimento para que chegasse até aqui, em especial ao meu orientador Antonio Luigi Negro, pelos conselhos, orientação e paciência.

Agradeço ao meu amado João Paulo que no encontro da vida me levou a conhecer o bairro de Plataforma e a riquíssima história do subúrbio ferroviário. A Pedro, Fabiana, D. Nilzete, D. Antônia, Seu Odorico, Patrícia por toda contribuição para que essas histórias fossem contadas. E a cada uma das mulheres, operárias que um dia lutaram e seguem lutando construindo a história de Plataforma.

RESUMO

Essa monografia aborda a atuação das operárias da Fábrica São Braz no período de 1945-1959. A história das operárias e dos operários da Fábrica São Braz, situada em Plataforma no subúrbio ferroviário é marcada por constantes movimentos grevistas e contestatórios, o fim da Segunda Guerra marca uma nova era de eclosão dos movimentos sindicais e de diversas reivindicações. Nesse contexto, fazendo um recorte em termos de gênero, buscou-se demonstrar de que forma essas mulheres operárias viveram e atuaram na luta dos trabalhadores. A pesquisa utiliza como fonte a imprensa comunista, a grande imprensa, estudos sobre a história de Plataforma, entrevistas de ex-operária e descendentes. Os resultados obtidos desmistificam o consenso da participação marginal das mulheres operárias na luta de trabalhadores, na medida em que se apropria do conceito de cultura operária e ressignifica a atuação desses agentes além das esferas sindicais, abrangendo as interações que se estabelecem na fábrica e no bairro.

Palavras-chave: mulheres- operárias- luta de trabalhadoras- fábrica

ABSTRACT

This monograph discusses the actuation of the female workes of the factory São Braz em the periode of 1945-1950. The history fos the factory workes and laborers of the factory São Braz located on a Plataforma in the rail suburb is marked by constant strike and challenging movements, the end os the second war marks a new age of outbreak of trade union movements and various claims. In this context, marking a cut in terms of gender, sought to demonstrate how these worker women lived and acted in the struggle os workes. The research uses as a source of the communist press, the great press, studies on the history of Plataforma, interviews of former workes and descendants. The results obtained demystifi the consensus of the marginal participation of worker womwn in the struggle of workes, to the extent that ii appropriates the concepto f worker culture and remeans the actions of these agents beyond the syndicate spheres, covering the interaction that settles in the factory and the neighbourhood.

Keywords: womens- workers-laborers fight-factory

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I: O trabalho feminino na fábrica São Braz	9
Capítulo II : O fazer-se classe das tecelãs	14
Considerações finais	19
Notas	21
Fontes e Referências Bibliográficas.....	23

Introdução

“ E isso é História é ? A gente aqui em Plataforma ? No normal? ”

(Fabiana Cerqueira, costureira, neta de operária, moradora de Plataforma)

Plataforma, subúrbio ferroviário de Salvador foi até pouco tempo uma vila operária que abrigava umas das mais importantes indústrias têxteis da Bahia, a Fábrica São Braz. De propriedade do Comendador Bernardo Martins Catharino maior acionista da Companhia Progresso União Fabril da Bahia, detinha sobre seu poder além de outras fábricas um vasto terreno do bairro onde se localizavam as casas dos operários. A experiência de vila operária impunha uma dupla exploração o patrão desempenhava o papel de empregador/locadorⁱ, segundo Sardenberg para morar nas casas um sistema de trabalho familiar era exigido, e a moral paternalista reproduzia o modelo de família burguesa cujo papel do homem é o de provedor e da mulher como dependente, num entanto uma característica das indústrias têxteis era o domínio feminino nas funçõesⁱⁱ.

Mesmo as mulheres estando em maioria, eram os homens que ocupavam as vagas de superiores. Á elas restavam às atividades repetitivas e monótonas e a ensinar aos aprendizes. As diferenças entre gêneros se manifestavam também nos salários, as mulheres ganhavam menos do que os homens e mesmo que produzissem uma mesma cota não havia igualdade de salários.

Durante muitos anos a ação feminina foi invisibilizada pela historiografia brasileira, dando ao homem o protagonismo da história do trabalho brasileiro. A História social ⁱⁱⁱnão desenvolveu uma relação com o conceito de gênero ao conceber os movimentos de lutas como um movimento homogêneo, no entanto pensado sob a figura do masculino contribuiu para o mito da passividade feminina e da ausência delas nas instâncias de negociação do poder sindical.

Os estudos sobre sindicalismo deixam claro que não somente a historiografia tratou de negar espaço ao feminino, mas a própria ação dos sindicatos se configurava como paternalista, um espaço de fazer político para homens que nega às mulheres a figura de liderança. ^{iv} Eis aí grandes questionamentos, se à mulher era negada a participação nas movimentações sindicais, se seus anseios e reivindicações não eram aceitos pelos homens e elas interiorizavam que o sindicato não era um espaço seu de direito, estariam elas alheias às lutas por melhores condições de vida?

Tendo em vista todo este cenário de exclusão, afastando-me da análise teleológica marxista sobre consciência de classe e alienação, mas focando numa concepção de cultura operária a presente monografia se dispõe a analisar o operariado feminino da Fábrica São Braz nos anos de 1946-1959, um recorte temporal que corresponde ao período pós-guerra e também o marco temporal de decadência da fábrica até seu fechamento; a fim de encontrar nas relações humanas que estabelecem no trabalho e na vida doméstica os mecanismos de fazer-se classe, como agentes da sua história e não definida pela posição econômica, como pensado por Edward Thompson. Pretende-se analisar nas ações cotidianas das operárias evidências de reinterpretação, reinvenção ou ainda resistência e oposição à dominação ao sistema patriarcal. Para atingir o objetivo a pesquisa foi efetuada realizando revisão bibliográfica, interpretação de fontes jornalísticas como O Momento e o Jornal A tarde, entrevistas com ex-operárias ou descendentes delas conforme disponibilidade.

No primeiro capítulo é apresentado um panorama do trabalho feminino na indústria têxtil baiana e suas representações na Fábrica São Braz. Propõe-se compreender as relações de trabalho com as mulheres e as motivações da predominância da mão de obra feminina, para tal uma revisão bibliográfica é efetuada e uma análise das fontes jornalísticas e depoimentos reconstruem este cenário das dinâmicas sociais na fábrica de Plataforma. O segundo capítulo, explorando as fontes jornalísticas e depoimentos, é dedicado ao tema central desta tese a atuação das operárias, seus mecanismos de reivindicação, resistência e oposição aos domínios patriarcais que se expande da esfera do privado para a dinâmica da fábrica, dentro das relações sociais que se estabeleciam nas esferas do bairro, da fábrica e da instancias sindicais.

Capítulo I: O trabalho feminino na fábrica São Braz

“ Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos ” Declaração de um operário delegado na exposição mundial de 1867(PERROT 1992)

Desde o século XIX até meados do século XX a indústria têxtil desempenhou um papel importante na história econômica da Bahia, sendo a província responsável pelo surto de industrialização do país abrigando 1/3 das fábricas de tecidos operantes; uma característica deste ramo industrial era o emprego de mão de obra livre e de predominância feminina. Em 1949 existiam na Bahia 5.442 trabalhadores na indústria têxtil e de algodão recenseadas, e dentre eles 3.442 eram mulheres, um percentual de 63,2% da força de trabalho têxtil baiana.^v

A presença feminina em fábricas já é de conhecimento desde os primórdios da Revolução Industrial como afirma Hobsbawm, no entanto *“uma grande mudança que afetou a classe operária, e também a maioria de outros setores das sociedades desenvolvidas, foi o papel impressionantemente maior nela desempenhado pelas mulheres; e sobretudo- fenômeno novo e revolucionário- as mulheres casadas.”*^{vi} Se nos velhos países industriais as indústrias em que se concentravam as mulheres estava em declínio, como tecidos e roupas, no terceiro mundo há um desenvolvimento de mão de obra manufatureira sedenta por trabalho feminino, já que era "tradicionalmente menos bem pago e menos rebelde que o masculino."^{vii} O emprego de mulheres na indústria na experiência do século XX está relacionado à disciplina que a indústria exigia do operariado, "logo descobriu-se que era mais conveniente empregar as dóceis(e mais baratas) mulheres e crianças"^{viii} costume empregado desde as primeiras experiências industriais.

Como um fenômeno mundial este cenário era visto também nas fábricas da Bahia “onde trabalham milhares de operários, dos quais a maior parte são mulheres.” (O Momento 1954)^{ix} A força de trabalho feminina predominava na Companhia Progresso e União Fabril da Bahia, os estudos de Cecília Sardenberg sobre mulheres e sindicatos mostra que em 1951 a Fábrica São Braz contava com um maior contingente de mão de obra feminina^x como nos afirma, em entrevista, D. Antônia, ex-operária *“Toda vez eu morei em Plataforma. Trabalhei na fábrica na fiação, tinha muitas mulheres tudo de menor...*

Na fábrica tinha mais mulheres, muitas mãe de famílias. ^{xii} Em 1945 representavam 83,5% da força de trabalho, em 1954 87,1 % contra 12,9% de homens, destacando-se, portanto como maioria. ^{xii} Diante dos fatos buscamos demonstrar como o trabalho feminino era encarado pelas forças patronais? E quais os motivos que levavam ao maior emprego da força feminina?

Entre as muitas notícias do jornal O Momento fica evidente as condições miseráveis as quais estavam sujeitos os tecelões:

“Terrível exploração na Fábrica São Braz” (5/05/1946)

“Operários da Fábrica São Braz trabalham sob piores condições” (29/08/1946)

“Os tecelões da fabrica São Braz precisam de salários fixos e à altura de suas necessidades” (26/02/1947)

“Falta água luz e assistencia médica aos moradores de Plataforma” (1/04/1947)

“Reina na Fábrica São Braz um regime de terror e exploração” (20/10/1950)

“Passam fome os trabalhadores da São Braz” (28/08/1952)

Neste cenário, a condição da tecelã também não era fácil. Sobre as questões salarial das operárias encontram-se frequentes queixas sobre os míseros salários que recebiam como visto nos depoimentos abaixo de duas operárias em maio de 1946:

“Vou fazer aqui quase trinta anos de serviço na fábrica. Mas o que ganho não dá nem pra comer...”

“Hoje é dia de eu receber dinheiro. Devia receber 80 cruzeiros, mas só vou receber 30, porque já tomei um adiantamento na terça-feira para comprar comida para meus filhos não morrerem de fome. O dinheiro que se recebe não dá nem para alimentação.” ^{xiii}

Em uma reportagem de 1955 o jornal relata que o salário médio das tecelãs da São Braz era de 400 cruzeiros “o que não era muito diante da carestia da vida.” ^{xiv} Além do salário miserável torna-se evidente a diferença salarial entre os tecelões e tecelãs. Como podemos evidenciar em entrevista concedida por Mariguella ^{xv} em um evento destinado ao público feminino, ele destaca a posição “em plano de inferioridade” ^{xvi} em que se encontram as mulheres, como também a campanha “Trabalho igual salário igual” ^{xvii} pela igualdade de direitos políticos e econômicos entre homens e mulheres realizada pela Federação Democrática Internacional das Mulheres.

Na fábrica São Braz é possível observar uma divisão social do trabalho por gênero já que cabia às mulheres os ofícios de tecedeiras, urdideiras e engomadeiras enquanto aos homens as funções de maior esforço físico e supervisão, como a de contra-mestre. É na sala da casa de seu Odorico Pereira^{xviii}, que também me foi relatada essa divisão do trabalho, na medida em que ele resgata em sua memória, os espaços da fábrica que tinham ou não a presença feminina *“Tinha lugar que não trabalhava mulher. Na oficina não tinha mulher, na tinturaria não tinha mulher, só tinha mulher na tecelagem”* Estando nestes postos de trabalho as tecelãs recebiam ao final da semana proporcional ao que produziam, no entanto discrepâncias eram observadas como exemplo o relato feito por SADENBERG onde em maio de 1945:

“the weaver Euzelina Santos, a twenty-two year old woman who had been working in the mill for over five years, produced a total of 789 meters of cloth earning a total of Cr\$116,60, an amount which included a bonus of Cr\$41,80 corresponding to 15% paid to each meter of cloth produced over the minimum quota of 60 meters per week. However, although Euzelina was the 'top producer' for the week in question, she earned less than the weaver João Batista, a twenty-seven year old man who turned in only 351 meters but reaped Cr\$152,70 in wages (with a bonus of Cr\$50,20). The wage differentials in this case rested on the fact that whereas João Batista received an average of Cr\$0,29 for each meter produced, Euzelina Santos was being paid only Cr\$0,15 as a base tariff.”^{xix}

Outra coisa que afetava o valor a ser recebido pelas operárias eram as más condições de trabalho, as máquinas velhas e em péssimas condições de uso, a matéria prima de má qualidade, ou ainda o desconto do descanso semanal pela política de 100% de assiduidade.

“... os textéis querem melhores canelas e fios fusos para poderem trabalhar e produzir. Pois das maneiras em que estão as máquinas desarranjadas e sem os apetrechos necessários o trabalho é “dar murro em faca de ponta” como disse uma tecelã.

É que a fábrica trabalhando com uma fibra que tem mais cisco que algodão quebra a todo instante quando está na preparação, retardando portanto o trabalho das urdideiras, engomadeiras e tecedeiras. E isso acontece constantemente, determinando que as operárias desta repartição fiquem presas durante horas no salão sem trabalhar e sem nada ganharem.”^{xx}

“ Quer dizer que por causa desses 3 minutos, eu e meus filhos não teremos direitos de nos alimentarmos domingo...”^{xxi}

O pagamento de um salário mais barato é um dos motivos para o maior emprego da mão de obra feminina, mas essa diferença salarial estava determinada também por

uma ideologia de gênero. No modelo patriarcal da sociedade burguesa cabe ao homem o papel de principal provedor da casa, noção transferida para o espaço público do trabalho, a mulher cabe à responsabilidade de cuidar e zelar pelo lar. Quando as mudanças do século XX trazem as mulheres para o mercado de trabalho, suas funções serão vistas como complementares ocasionando uma desvalorização do trabalho e a ocupação de funções de menor destaque haja vista que sua atuação fora do lar era complementar, o que explica o pagamento inferior, sua renda era para ser complementar a do marido.

Geralmente nas fábricas têxteis o operariado feminino era em sua maioria declarada solteira, mas em seu estudo sobre sindicalizados, SARDENBERG constrói o perfil das operárias quanto ao seu estado civil. Em 1951, na Fábrica São Braz 81,3% das mulheres eram solteiras, no entanto a autora destaca que o “estado civil” não retrata real situação conjugal do operariado baiano. Dain Borges em seu trabalho “The family in Bahia, Brazil, 1870-1945”^{xxii} reforça que uniões consensuais e filhos gerados em relacionamentos esporádicos sem coabitação entre os pais eram comuns entre os trabalhadores baianos.

Podemos constatar que a ideologia de gênero na construção das Consolidações das Leis Trabalhistas sob o que define os direitos do trabalho para mulheres, a lei apresenta-se com um caráter protetivo, de forma que não se manifesta a igualdade de direitos e perpetua a “discriminação da mulher no mercado de trabalho”^{xxiii} Em seu artigo, Cristiane Lopes lança a hipótese de que a ausência das normas protetivas contribuiria para o desemprego da força de trabalho masculina já que o salário pago às mulheres era mais vantajoso para o capital, o que causaria uma inversão na hierarquia familiar, outro fator dessas medidas justifica a divisão social do trabalho, as funções desenvolvidas pelas mulheres não podiam impedir “a realização de sua principal função: a maternidade”.

Não é de se estranhar, portanto que em diversas reportagens que se destinava a falar sobre a situação das tecelãs era destacado sempre a dificuldade em conciliar o trabalho doméstico diante do trabalho desempenhado na fábrica:

" Sob um regime de miseria, as operárias não tem tempo para ser mães "^{xxiv}

" A mulher operaria desconhece a proteção das leis... AS MÃES OPERARIAS NÃO TEM TEMPO PARA AMENTAR SEUS FILHOS. "xxv

" Creche, Reivindicação das Tecelãs "xxvi

Ainda que os operários e as operárias estivessem sujeitos a mesma exploração e disciplina da fábrica, no que diz respeito ao trabalho doméstico a ideologia de gênero impõe uma divisão social, aos homens cabe o a função de cuidar dos filhos e da família sobre tudo na responsabilidade de provedor. De um modo geral as mulheres eram responsáveis pelo cuidado com as crianças e todos os afazeres domésticos sendo treinadas desde crianças, principalmente em lares em que as mães eram chefas de famílias e trabalhavam na fábrica. Necessitavam da ajuda de todos os filhos, mesmo os meninos, mas uma divisão social também era imposta às crianças. Para as meninas destinavam-se os trabalhos que cabiam às mulheres/mães/donas-de-casa e para os meninos as tarefas realizadas fora de casa, como uma preparação pra sua vida futura de provedor. (SARDENBERG,1998) ^{xxvii}

Essa obrigatoriedade do trabalho doméstico justifica em grande parte a presença massiva nas fábricas de operárias jovens, solteiras ou casadas sem filhos, que abandonam o trabalho fora do lar quando decidem casar. Assim como me relatou Dona Antônia:

“ Eu saí mesmo é porque depois que eu me casei e quando voltei do NPS, já tinha Dilson. Tinha que tomar conta dos filhos e meu marido não queria que eu trabalhasse pra tomar conta do menino. Aí eu não trabalhei mais, senão tinha me aposentado.”

No entanto, em Plataforma é possível constatar diferentes arranjos familiares, lares chefiadas por gerações de mulheres e que demonstram a presença delas no trabalho da fábrica desde jovens até a aposentadoria, ausentando-se apenas para licença-maternidade. (SARDEBERG 1998)

Se a ideologia de gênero favorecia a precarização do trabalho feminino, se as leis trabalhistas traziam uma carga protetiva que não garantia igualdade de direito ao trabalho é preciso perguntar quais eram os efeitos disso no cotidiano das mulheres operárias da fábrica São Braz. O imperativo da sociedade patriarcal replicava a ordem familiar no espaço do trabalho, mas de que forma essas mulheres agiam, tendo em vista que era maioria neste ambiente? Aprofundemos-nos nestes questionamentos no próximo capítulo.

Capítulo II: O fazer-se classe das tecelãs

*“ [...] a mulher operária é ainda mais sacrificada. Escrava do homem, escrava social e serva da burguesia...”
Maria Lacerda de Moura, anarquista brasileira*

Ao pensar a história dos trabalhadores a História Social não pensou o conceito de gênero, homogeneizando os movimentos e as lutas dos trabalhadores centrados na figura masculina^{xxviii}. A análise teleológica marxista sob consciência de classe e alienação legitimava apenas movimentos organizados e operados por sindicatos ou organização de trabalhadores. Tal perspectiva é excludente, se tomarmos o fato de que a esfera sindical era um espaço masculino, torna-se complicado pensar a atuação feminina, segundo SARDENBERG “a cultura sindical tanto nos seus aspectos práticos quanto ideológicos, caracterizava-se como uma cultura essencialmente masculina. O cotidiano, com reuniões e assembleias noturnas, modelava-se (e ainda se modela) no cotidiano dos homens.”^{xxix} Na casa de um cômodo, muito empolgada Dona Nilzete, filha de operário, me contou que em suas lembranças as reuniões eram feitas às portas fechadas à noite:

“Com certeza eles não podiam se manifestar, era muita conversação. Perguntava assim: Você vai sair hoje de noite? Não! Então vamos nos reunir lá na sua casa. Existia na minha casa, como na casa de todo mundo, só que meu pai não deixava ficar porque era coisa... Como fala? Si-gi-lo-sa. Ele não deixava ninguém ficar só os adultos que vinham.”

Na década de 50 há uma maior filiação de mulheres aos sindicatos^{xxx}, no entanto elas ainda não ocupavam os espaços de lideranças, o que não espanta que na memória das operárias não haja uma relação afetuosa com a luta dos sindicatos.^{xxxi}

*“Eu nem me lembro se tinha sindicato naquele tempo.”
D. Antonia, ex operária .*

Esse distanciamento tem sua justificativa na pouca representatividade que viam no sindicato, as reivindicações femininas por vezes eram descredibilizadas pelos homens por acharem que a mão de obra feminina prejudicava o trabalho masculino já que seu valor barato podia ocasionar o desemprego destes. Ainda diante desse cenário encontramos uma reportagem que destaca a presença feminina na esfera de negociação, aqui lanço a hipótese da operária que diante da crise do setor têxtil nas décadas de 50^{xxxii}, se enxerga como maioria mais prejudicada e atua de forma mais presente nas esferas de negociação. Além do fato de que podem ter tido mais espaço devido a

situação que a crise impôs aos trabalhadores operários reforçando a necessidade de união e participação em massa de todos os operários, sejam eles homens ou mulheres. Em uma série de reportagens que relatam a luta dos trabalhadores no ano de 1955, pelo aumento de salários diante da crise em que se encontrava a indústria têxtil baiana podemos observar a presença feminina nas assembleias sindicais e até na liderança da comissão criada para discutir as propostas nas fábricas.

“ [...] Por um dos associados foi proposta a criação de uma Comissão representada por um operário de cada fábrica para estudar, fundamentando-a, a proposta do novo aumento de salários. Depois de ampla discussão ficou assim constituída a Comissão: José Cerqueira pela Bôa Viagem- Manoel Ferreira Lima, pela Fábrica Conceição- Felipe Dantas, pela Paraguassú- Maria Selete Conceição, pela São Braz- Octacilio Aragão, Fiais- Claudiano Pinto Guimarães, pela S.João. ”^{xxxiii}

[...] Depois de aprovada a tabela de aumento de salários, por proposta de uma das operárias presentes, foi aprovada a criação de sub-comissões em cada fábrica no sentido de fortalecer a Comissão de Salários na sua luta como auxiliar da Diretoria. ”^{xxxiv}

Em várias reportagens do jornal O Momento as mulheres são destaque e expõem suas queixas, no entanto o espaço que a imprensa trabalhadora lhe dá, em sua maioria, é para expor as dificuldades de conciliar o trabalho doméstico ao fabril. Aqui refletimos mais uma vez sobre a ideologia de gênero que impôs à mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico e cuidado dos filhos, tanto que as normas trabalhistas, com seu caráter protetivo, se encarregou de garantir a permanência das mulheres no espaço doméstico. O que dizer então do folhetim O Momento Feminino, que por sua vez carrega o slogan “Um jornal para o seu lar” e além de divulgação da ideologia comunistas, dos eventos era recheado de receitas culinárias, dicas de cuidado com o lar. A forma intensa como a imprensa se dedica a mostrar a questão da dupla jornada feminina por hora esconde as outras reivindicações das operárias, logo o discurso de gênero parte não somente de cima, mas está enraizado no espaço de militância, o jornal como um folhetim comunista e voz dos militantes demonstra diversas vezes compactuar com a ideologia haja vista o posicionamento condizente com o caráter protetivo da lei:

[...] abordaremos ainda o problema da mulher trabalhadora, da tecelã bahiana, que por suas próprias contingências físicas está submetidas a condições muito piores de trabalho. Além disso, - e a própria lei prevê isso - a mulher exige condições especiais de tratamento. Além do trabalho na fábrica, ela tem outras obrigações específicas, domésticas, no lar a que não pode fugir. Daí ter um tratamento melhor na Lei que rege as condições de trabalho. [...] A lei foi feita levando em consideração as condições especialíssimas do trabalho da mulher. ”^{xxxv}

Se essa ideologia ocasionou maior exploração além da diferença salarial, notamos que as operárias da Fábrica São Braz não naturalizaram a realidade social tendo em vista as constantes queixas sobre salários destacando o seu papel como provedora. Além disso, percebe-se que quando questionam sobre as disponibilidades das creches elas reconhecem e reivindicam o direito que lhe é garantido por lei, reconhecendo a medida não apenas como forma de conciliar seu papel de mãe, mas como garantia de condições para exercer seu trabalho.

Apesar de geralmente a imprensa destacar a condição das operárias no que tange sua dificuldade de conciliação do trabalho doméstico, as tecelãs estão sujeitas as mesmas explorações que os homens e aqui questionam também as condições de trabalho e as imposições patronais, questionam as questões salariais:

“ Diga pelo seu jornal que nós aqui dessa fábrica passamos o diabo. Agora mesmo os patrões só querem dar á gente uma esmola de 5% . Se a gente quisesse esmola não estava trabalhando.”^{xxxvi}

Questionam as terríveis estruturas da fábrica, em que estavam sujeitas a habitar durante o período de trabalho, sob péssimas condições de higiene que também são sentidas nas suas casas que era de propriedade da fábrica:

“ - Existe aí um lugar que eles chamam de refeitório - diz uma das operárias- mas é mesmo que não existisse. Não tem água nas pias, não tem toalhas de mesa, nem nada. Por isso mesmo é que nos comemos com o prato na mão, em qualquer canto....

- A privada é uma porcaria não tem higiene nenhuma [...] a água que nós bebemos é morna e ruim[...]

- Minha casinha fica no fim de uma avenida- declara uma operária- e todas as porcarias da rua vão parar na minha porta, porque as casa não têm esgoto. [...] As casas não têm luz, nem água, nem quintal, nem cozinha, nem esgoto. A Companhia da fábrica tem muito terreno por aí. Toda Plataforma é dela. Mas se a gente pede um pedaço de terra para fazer uma barraca, ela não consente ou pede dinheiro demais.”^{xxxvii}

Outro aspecto da resistência feminina em Plataforma ao modelo patriarcal do trabalho fabril é o Bloco do Bacalhau, o bloco de carnaval das operárias marcava o início da festa no bairro. Esta manifestação pode ser vista como um ritual de rebelião que “servia de veículo para que as mulheres dessem vazão pelo descontentamento contra a situação vigente.”^{xxxviii} O bloco embora tivesse participação masculina era das operárias, elas que puxavam as danças e brincadeiras, muitas sexualizadas expondo um “rito de inversão da ordem hierárquica de gênero vigente” que se expressava muito mais

nas relações de trabalho e com os sindicatos do que nas relações domésticas, neste último aspecto o rito de rebelião, como afirma SARDENBERG, não envolve uma negação, mas a atuação dessas mulheres representavam simbolicamente a posição delas como chefes de famílias e responsáveis pelas articulações de redes de vizinhanças, assim como me fala D. Antonia:

“A fábrica tinha importância pra Plataforma, principalmente para as mulheres, porque quem mais trabalhava era mulher. Na fábrica tinha mais mulheres, mãe de famílias, muitas. A única renda de criar os filhos com dinheiro da fábrica como Geninha, que criou os filhos sozinha com o dinheiro da fábrica até se aposentou. [...]”

E por fim, uma análise das fontes nos mostra, portanto que a atuação feminina nas lutas pelas necessidades diárias foi constante na história do bairro de Plataforma e não foi diferente nas décadas seguintes em que se desenvolveu uma luta pela posse das terras contra a União Fabril, Dona Antônia declarou:

“Tinha muita gente, mulher homem, mas a maioria era mulher, e o povo assinava logo porque queria sua casa. Tudo aqui tudo eles tomaram, eu acho né?! Porque nunca ficou provado.”

Um estudo sobre esses conflitos nos leva a conhecer a história e criação da AMPLA,^{xxxix} a Associação de Moradores de Plataforma é uma iniciativa impulsionada pela atuação de uma esquerda revolucionária católica que surgiu primeiramente como movimento de mulheres dedicadas à luta para acesso a infraestruturas e serviços para o bairro. Reunidas em grupos de mães que buscaram melhorias para a escola em que seus filhos estudavam, após o sucesso estendeu sua atuação para os diversos problemas sociais do bairro.

Apesar de ser um movimento que se desenvolveu na década de 80 e vai até a atualidade, nos interessa por constatar presença em massa e protagonismo das mulheres do bairro, entre elas herdeiras, descendentes e ex-operárias, uma atuação política que se perpetuou ao longo das décadas na história do bairro de Plataforma como vemos no relato de SARDENBERG: *“If we may recall, in the photo described at the beginning of this work, D.Elenita and D.Luciana, two former factory workers who in the past stopped their machines to go on strikes, but did not take an active role in them, are now in the forefront of the community’s fight against União Fabril to gain control over the properties where their homes sit.”^{xxi}* E também no que me foi contado por Dona Antonia que participou ativamente, recolhendo assinaturas junto com outras ex-operárias

“A minha casa era da companhia, mas eu comprei. Era arrendada. Eu mesmo fiz muita campanha pra tomar o terreno. Eu achava isso errado, eles não eram donos de nada. [...] Ao passo que fiz campanha com o povo, andava pela rua fazendo assinatura. Andava Plataforma toda pra tomar, pra tomar o terreno não! Pra ser nosso pelos anos que a gente tinha. Mas nunca foi pra frente, como a creche aí. Mas nunca foi pra frente, continuou tudo a mesma

coisa, aí eu disse: ói vou comprar o meu. Porque a gente ter o da gente é melhor,né?[...]Geninha, que criou os filhos sozinha com o dinheiro da fábrica até se aposentou. Fez campanha também para assinatura, mas ela já morreu.”

Portanto, as operárias da São Braz foram participativas e constitutivas no seu fazer-se classe, as suas ações e experiências cotidianas contribuíram para o seu fazer-se classe não somente pela sua posição econômica, sendo, portanto sujeitos da sua história.

Considerações finais

O século XX no Brasil foi marcado pela massiva utilização da mão de obra feminina na indústria têxtil, as mulheres constituíam a maioria na indústria baiana. Em Plataforma, na Fábrica São Braz o cenário era o mesmo, chegando ao percentual de 87,1%, a mão de obra feminina era empregada em detrimento da masculina, principalmente pelo fator econômico, era mais barata. Outro fator pela predileção era a disciplina que a fábrica exigia do operariado e acreditava-se que as operárias eram mais dóceis e fáceis de controlar, por trás desses motivos uma ideologia de gênero sustentava a precarização do trabalho feminino e a discrepância salarial. Na sociedade patriarcal cabe ao homem a função de chefe da família e provedor, à mulher a função de zelar pela família e pelo lar, logo o trabalho fora de casa não podia impedi-la de exercer sua principal função, do lar. Diante disso, o salário pago às mulheres era inferior aos dos homens já que sua renda era destinada a complementar a do marido, a ideologia patriarcal também se encarregou de determinar uma divisão social do trabalho, cabia aos homens os cargos de chefia e as mulheres os serviços de confecção e de ensinar aos aprendizes. A lei que regulamentava o trabalho feminino por sua vez, ao invés de garantir o direito igualitário ao trabalho, se encarregou de proteger e garantir a permanência dessa mulher no lar, por meio de leis protetivas.

Um silenciamento foi produzido durante muito tempo pela academia, pois ao conceber os estudos das lutas da classe trabalhadora de forma homogênea centrada na figura do masculino, invisibilizou e marginalizou a atuação feminina. No que diz respeito aos estudos sobre sindicalismo é difícil constatar a presença feminina, aqui justificamos como a própria cultura sindical era masculina, centrada em reuniões noturnas e não sustentava as reivindicações das mulheres, pois acreditavam que o emprego da mão de obra feminina podia ser responsável pela precarização do trabalho, e pelo desemprego masculino. Dessa maneira não é de se espantar que os estudos sobre memória do operariado demonstrem que as mulheres não desenvolveram relações afetuosas com a luta sindical. No mesmo passo a imprensa comunista também silenciou a luta das operárias, na medida em que reproduziu a ideologia de gênero da sociedade patriarcal e se encarregou de dar vasto destaque à dificuldade que as operárias enfrentavam em conciliar o trabalho doméstico ao fabril, e principalmente à função de mãe.

No entanto ao concebermos as experiências das operárias da fábrica São Braz sob uma concepção de cultura operária, tendo em vista suas interações sociais na fábrica, no bairro e na esfera sindical, ao darmos voz a essas mulheres foi possível evidenciar como elas resignificaram sua luta e oposição ao sistema patriarcal. Ficou evidente diante da mobilização feminina em busca de melhoria salarial; melhores condições de trabalho; nas queixas sob as condições de falta de higiene que eram submetidas no ambiente da fábrica e nas casas da vila-operária; nos constantes questionamentos ao sistema de multas empregado pela fábrica que ocasionava decréscimo salarial; na luta pelas creches como forma de garantir a possibilidade de trabalhar; que essas mulheres não estavam alheias à luta dos trabalhadores, mesmo que fora das instâncias sindicais.

Neste sentido desmistifica a máxima de docilidade feminina, ao longo das décadas as operárias foram agentes de sua história e fez-se classe como mulheres, operárias, mães, chefes de famílias, a experiência de luta perpetuou-se nas reivindicações, protagonizadas pela Associação de Mulheres, contra a União Fabril, pela posse das terras em que habitavam por tantos anos, entre elas ex operárias, filhas, netas, descendentes diretos e indiretos daquelas que um dia foram a força motriz da fábrica São Braz.

Notas

- ⁱ SARDENBERG, Cecília, “**O Bloco do Bacalhau**: Protesto Ritualizado de Operárias Na Bahia”. In: *Ritos, Mitos e Fatos: Mulher e Relações de Gênero na Bahia*. Salvador, NEIM/UFBA, 1997
- ⁱⁱ SARDENBERG, Cecília; Reis, H. R.; Ferreira, F.; Bonfim, T.; “**Mulheres e Sindicatos**: Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50”. In: *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador, NEIM/UFBA, 2001.
- ⁱⁱⁱ Sobre a História Social e o estudo de gênero ver PINSK, Carla B. Estudos de Gênero e História Social . IN Rev. Estud. Fem. vol.17 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2009
- ^{iv} Idem vi
- ^v Dados do relatório da CETEX de 1949 disponível em SARDENBERG, Cecília; Reis, H. R.; Ferreira, F.; Bonfim, T.; “**Mulheres e Sindicatos**: Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50”. In: *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador, NEIM/UFBA, 2001.
- ^{vi} HOBBSAWN, Eric. **A revolução social** in A era dos extremos: o breve séc XX: 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p 304
- ^{vii} Ibid ii
- ^{viii} HOBBSAWM, Eric. **A revolução industrial** in A era das Revoluções: 1789-1848- 34^{ed}. Rio de Janeiro, Paz e Terra 2014. Pg 57
- ^{ix} "Creches, Reivindicação das tecelãs" O MOMENTO 17/11/1954
- ^x SARDENBERG, Cecília; Reis, H. R.; Ferreira, F.; Bonfim, T.; “**Mulheres e Sindicatos**: Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50”. In: *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador, NEIM/UFBA, 2001. A autora num estudo de 385 fichas de empregados, selecionadas no arquivo da Companhia Progresso e União Fabril, evidencia um número de 240 mulheres contra 114 homens.
- ^{xi} Antonia Rabelo, ex-operária. Entrevista concedida em 28/05/2017
- ^{xii} SARDENBERG, Cecília M.B. **A Profile of the Workforce (1935-1949)** in In the backyard of the factory: gendre, class, power and community in Bahia, Brazil . Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18947/1/Sardenberg%20PhD%20Dissertation.pdf> acessado em 10/07/2017 .
- ^{xiii} " Terrível exploração reina em São Braz." O Momento 05/05/1946
- ^{xiv} “ Oito Horas de Martirio Diario” O Momento 12/06/1955
- ^{xv} Carlos Mariguella, político, guerrilheiro e escritor. Deputado federal pela constituinte de 1946.
- ^{xvi} “ AS MULHERES DEVEM ORGANIZAR-SE PARA SAIR DA ESCRAVIDÃO” O Momento 05/05/1946
- ^{xvii} “ Apêlo ás mulheres de todo o mundo” O Momento 25/08/1946
- ^{xviii} Odorico Santos Pereira, morador de Plataforma, é ex-operário da Fábrica São Braz assim como sua mãe. Entrevista concedida em 30/05/2017
- ^{xix} SARDENBERG, Cecília M.B. **A Profile of the Workforce (1935-1949)** in In the backyard of the factory: gendre, class, power and community in Bahia, Brazil . Pag 129 e 130 Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18947/1/Sardenberg%20PhD%20Dissertation.pdf> acessado em 10/07/2017 .
- ^{xx} “Reina na Fábrica São Braz um regime de terror e exploração” O Momento (20/10/1950)
- ^{xxi} “ Não desanimaremos ! afirmam as tecelãs” O Momento (23/06/1950)
- ^{xxii} BORGES, Dain. The family in Bahia, Brazil, 1875-1945. Stanford UNiversity Press. 1992
- ^{xxiii} LOPES, Cristiane M. S. **Direito do trabalho da mulher**: da proteção à promoção. Disponível in <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30398.pdf>
- ^{xxiv} O Momento 1/06/1946
- ^{xxv} O Momento 2/06/1946
- ^{xxvi} Ibid V

- ^{xxvii} SARDENBERG, Cecília M.B **Mãe e filhas**: etapas do ciclo de vida, trabalho e família entre o antigo operariado baiano. Caderno RH, Salvador: EDUFBA, jul/dez1998b
- ^{xxviii} Sobre a História Social e o estudo de gênero ver PINSK, Carla B. Estudos de Gênero e História Social . IN Rev. Estud. Fem. vol.17 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2009
- ^{xxix} **Mulheres e Sindicatos**: Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50”. In: *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador, NEIM/UFBA, 2001.
- ^{xxx} Para mais detalhes ver “**Mulheres e Sindicatos**: Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50”. In: *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador, NEIM/UFBA, 2001.
- ^{xxxi} Ver SARDENBERG, Cecília M.B **O gênero da memória**: Lembranças de operários e lembranças de operárias Disponível in <http://www.repositório.ufba.br/ri/handle/ri/6882>
- ^{xxii} “ Por água baixo a indústria bahiana de tecidos” A Tarde 25/11/1957 Na década de 50 impulsionada pela exploração do petróleo na Bahia e o desenvolvimento dos materiais sintéticos, as fábricas da União Fabril por sua vez não se adaptaram a essas mudanças e não puderam concorrer com as indústrias do eixo sul-sudeste, enfrentando uma grande crise que levou ao fechamento da São Braz em 1959.
- ^{xxiii} “Texteis Lançam-se á Luta Por Aumento de Salários” O Momento (22/07/1955)
- ^{xxiv} “50% e 80% os aumentos reivindicados pelos texteis” O Momento(5/08/1955)
- ^{xxv} “A mulher operaria desconhece a proteção das leis” O Momento 2/06/1946
- ^{xxvi} “ Essa semana ganhei 100 cruzeiros para dar comida a 6 bocas” O Momento 3/08/1952
- ^{xxvii} “ Terrível exploração reina em São Braz.” O Momento 05/05/1946
- ^{xxviii} SARDENBERG, Cecília M.B **O bloco do bacalhau**: protesto ritualizado na Bahia Publicado in Ana Alice Costa & Ívia Alves (orgs.), *Ritos, Mitos e Fatos: Mulher e Gênero na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA, Coleção Baianas (1), 1997, pp.:15-38.
- ^{xxix} Ver SARDENBERG, Cecília M.B. **Women’s Neighborly Militancy in** In the backyard of the factory: gendre, class, power and community in Bahia, Brazil . Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18947/1/Sardenberg%20PhD%20Dissertation.pdf>
- ^{xl} SARDENBERG, Cecília M.B. **The Fight Against União Fabril in** In the backyard of the factory: gendre, class, power and community in Bahia, Brazil . pag 356 Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18947/1/Sardenberg%20PhD%20Dissertation.pdf> acessado em 10/07/2017 .

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes diversas

Biblioteca Pública do estado da Bahia(BPEB)- Setor: jornais raros

O Momento, janeiro/1946 a dezembro/1957

A Tarde, 1945 a 1959

Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca

O Momento Feminino, 1947 a 1956

Legislação Federal

BRASIL. Decreto-lei n. 5.452, de 1º maio 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em julho de 2017.

Entrevistas

Entrevista com Fabiana Cerqueira

Entrevista com Nilzete Teixeira Lobo

Entrevista com Antonia Rabelo

Entrevista com Odorico Santos Pereira

Referencias Bibliográficas

__ HOBSBAWM, Eric. **A revolução industrial** in A era das Revoluções: 1789-1848-34ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 2014.

__HOBSBAWM, Eric. **A revolução social** in A era dos extremos: o breve séc XX: 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p 304

__LEITE LOPES, José S. A formação de uma cultura operária. *Tempo & Presença*, n.220, 1987.

__LOPES,Cristiane M. S. **Direito do trabalho da mulher:** da proteção à promoção. Disponível in <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30398.pdf>

__NEGRO, Antônio L. “ **Não trabalhou porque não quis**”: greve de trabalhadores têxteis na Justiça do Trabalho (Bahia,1948). In Ver. Bras. Hist. Vol.32 no. 64 São Paulo Dec.2012

___PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottman- 2ªed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

___PINSK, Carla B. **Estudos de Gênero e História Social** . IN Revista Estudos Feministas. vol.17, no.1. Florianópolis Jan./Apr. 2009

___ SANTOS, Marilécia O. **O viver na “Cidade do Bem”:** tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio na BoaViagem/BA In http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8Y9PD4/tese_santos_marilecia_vila_2010.pdf?sequence=1

___SARDENBERG, Cecília, “O Bloco do Bacalhau: **Protesto Ritualizado de Operárias Na Bahia**”. In: Ritos, Mitos e Fatos: Mulher e Relações de Gênero na Bahia. Salvador, NEIM/UFBA, 1997

___SARDENBERG, Cecília; Reis, H. R.; Ferreira, F.; Bonfim, T.; “**Mulheres e Sindicatos:** Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50”. In: Fazendo Gênero na Historiografia Baiana. Salvador, NEIM/UFBA, 2001.

___SARDENBERG, Cecília, **The backyard of the factory:** gendre, class, power and community in Bahia, Brazil . Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18947/1/Sardenberg%20PhD%20Dissertation.pdf> acessado em 10/07/2017 .

___SARDENBERG, Cecília, “**O Bloco do Bacalhau:** Protesto Ritualizado de Operárias Na Bahia”. In: Ritos, Mitos e Fatos: Mulher e Relações de Gênero na Bahia. Salvador, NEIM/UFBA, 1997

___SARDENBERG, Cecília M.B, **O gênero da memória:** lembranças de operários e lembranças de operárias. Disponível in <http://www.repositório.ufba.br/ri/handle/ri/6882>

___SARDENBERG, Cecília M.B, **Mães e filhas:** etapas do ciclo de vida, trabalho e família entre o antigo operariado baiano. Caderno RH, Salvador: EDUFBA,jul/dez1998b

__SOUZA, Edinaldo A. O. , **Trabalho, Política e Cidadania**: trabalhadores, sindicatos e lutas por direitos (Bahia 1945-1950). (UFBA, 2015)